

O DESIGN DE INTERIORES E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL EM UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE

EL DISEÑO DE INTERIORES Y LA PERCEPCIÓN AMBIENTAL EN UNIDADES BÁSICAS DE SALUD
INTERIOR DESIGN AND ENVIRONMENTAL PERCEPTION IN PRIMARY HEALTHCARE UNITS

INTERIOR DESIGN AND ENVIRONMENTAL PERCEPTION IN PRIMARY HEALTHCARE UNITS

FERREIRA, YURI VIEIRA BRANDÃO

Arquiteto e Mestre em Design pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), yuri.vbf1@gmail.com

SILVEIRA, NATHALIE BARROS DA MOTA

Doutora em Design, Professora do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande, nathalie.motasilveira@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa investiga a percepção ambiental dos usuários em uma Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF), com ênfase na qualidade visual percebida do Design de Interiores. Ancorada no conceito de ambiência do Sistema Único de Saúde, a investigação busca compreender como o design dos espaços, especialmente de áreas como sala de espera, influencia a percepção visual e a sensação de acolhimento dos usuários. Devido ao tempo de espera, esses ambientes tornam-se locais de permanência prolongada, o que aumenta a importância de um design acolhedor e funcional. A metodologia adotada abrange duas dimensões principais: a primeira, de natureza ambiental, utiliza as teorias da qualidade visual percebida e das facetas, possibilitando a análise detalhada e multidimensional das características visuais e do Design de Interiores; a segunda fundamenta-se na teoria da linguagem visual, examinando como os elementos visuais presentes nos espaços são percebidos, identificados e comparados entre os diferentes cenários analisados. Os resultados da pesquisa, com base na avaliação de 360 participantes, indicaram um déficit significativo na sensação de acolhimento, evidenciando a necessidade de melhorias na qualidade visual percebida. Os dados reforçam a importância de aprimorar os ambientes internos das UBSFs, não apenas para melhorar a experiência dos usuários, mas também para tornar o atendimento no sistema público de saúde mais humanizado e eficiente. O estudo contribui para o entendimento e desenvolvimento de soluções em Design de Interiores que potencializem o bem-estar e a satisfação dos usuários, considerando elementos visuais que influenciam diretamente sua percepção e experiência nos espaços de permanência.

PALAVRAS-CHAVE: Design de Interiores; Percepção ambiental; Qualidade Visual Percebida; Teoria das Facetas; Linguagem visual.

RESUMEN

Esta investigación explora la percepción ambiental de los usuarios en una Unidad Básica de Salud Familiar (UBSF), con énfasis en la calidad visual percibida del Diseño de Interiores. Basada en el concepto de ambiencia del Sistema Único de Salud, la investigación busca comprender cómo el diseño de los espacios, especialmente en áreas como salas de espera, influye en la percepción visual y la sensación de acogida de los usuarios. Debido al tiempo de espera, estos ambientes se convierten en lugares de estancia prolongada, lo que aumenta la importancia de un diseño acogedor y funcional. La metodología adoptada abarca dos dimensiones principales: la primera, de carácter ambiental, utiliza las teorías de la calidad visual percibida y de las facetas, permitiendo un análisis detallado y multidimensional de las características visuales y del Diseño de Interiores; la segunda se basa en la teoría del lenguaje visual, examinando cómo los elementos visuales presentes en los espacios son percibidos, identificados y comparados entre los diferentes escenarios analizados. Los resultados de la investigación, basados en la evaluación de 360 participantes, indicaron un déficit significativo en la sensación de acogida, destacando la necesidad de mejoras en la calidad visual percibida. Estos datos refuerzan la importancia de optimizar los ambientes internos de las UBSFs, no solo para mejorar la experiencia de los usuarios, sino también para hacer más humano y eficiente el sistema público de salud. El estudio contribuye al entendimiento y desarrollo de soluciones en Diseño de Interiores que potencien el bienestar y la satisfacción de los usuarios, considerando elementos visuales que influyen directamente en su percepción y experiencia en los espacios de permanencia.

PALABRAS-CLAVES: Diseño de Interiores; Percepción ambiental; Calidad visual percibida; Teoría de las Facetas; Lenguaje visual.

ABSTRACT

This research investigates the environmental perception of users in a Family Health Basic Unit (UBSF), with an emphasis on the perceived visual quality of Interior Design. Anchored in the concept of ambience within the Unified Health System, the investigation seeks to understand how space design, particularly in areas such as waiting rooms, influences users' visual perception and sense of comfort. Due to the waiting time, these environments become spaces of prolonged stay, increasing the importance of a welcoming and functional design. The adopted methodology encompasses two main dimensions: the first, of environmental approach, employs theories of perceived visual quality and facets, enabling a detailed and multidimensional analysis of the visual characteristics and Interior Design; the second dimension is based on the theory of visual language, examining how visual elements present in the spaces are perceived, identified, and compared across the different scenarios analyzed. The research results, based on the evaluation of 360 participants, indicated a significant deficit in the sense of comfort, highlighting the need for improvements in perceived visual quality. These findings reinforce the importance of enhancing the internal environments of UBSFs, not only to improve the user experience but also to make care in the public health system more humane and efficient. The study contributes to the understanding and development of Interior Design solutions that enhance users' well-being and satisfaction, considering visual elements that directly influence their perception and experience in spaces of prolonged stay.

KEYWORDS: Interior Design; Environmental Perception; Perceived Visual Quality; Facet Theory; Visual Language.

Recebido em: 25/01/2025

Aceito em: 26/07/2025

1 INTRODUÇÃO

O Design de Interiores tem suas raízes em um passado recente, inicialmente, no século XVIII, sendo predominantemente uma profissão voltada para a decoração de interiores com foco na dimensão estética. Contudo, no século XIX, profissionais da área iniciaram discussões críticas sobre a necessidade de aprimorar essa prática, mantendo-a como uma expressão artística, mas também elevando-a ao status de disciplina científica e área de estudo técnico (Edwards, 2010; Massey, 2008). Emergindo após a segunda revolução industrial, o campo foi impulsionado pelas demandas por espaços não apenas estéticos e decorativos, mas também funcionais e simbólicos (Edwards, 2010; Massey, 2008). Atualmente, o conceito de Design de Interiores transcende a estética, abrangendo soluções criativas e técnicas que promovam o bem-estar individual e coletivo na sociedade (Iida, 2019). Maior e Storni (2008) destacam a importância de criar ambientes convidativos, aconchegantes e funcionais, considerando a materialidade e as respectivas configurações ambientais, como o layout.

Desde 1860, Florence Nightingale, enfermeira pioneira na fundação da enfermagem moderna na Europa, já observava as respostas psicológicas dos indivíduos aos estímulos causados pela percepção ambiental em ambientes de saúde. Atuando na área, ela percebeu, no contexto hospitalar sobretudo em enfermarias, os efeitos positivos que cores, formas e luz exerciam na recuperação dos pacientes, uma percepção que foi documentada em suas notas de enfermagem. Foucault (1979, 1984) também endossa a importância dos ambientes hospitalares como instrumentos cruciais para a promoção da saúde humana. Esses autores, antes mesmo do desenvolvimento de disciplinas como arquitetura e design específicos para esses espaços, já levantavam questões sobre a importância dos ambientes de saúde, impulsionando inúmeras pesquisas sobre o tema. Atualmente, o Sistema Único de Saúde do Brasil (SUS) expressa sua preocupação com essas questões, considerando a ambiência como um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento das atividades e suporte à sociedade (Brasil, 2012).

O SUS, em seu contato inicial com a sociedade brasileira, por meio das Unidades Básicas de Saúde (UBS) e dos Postos de Saúde da Família (PSF), ou sua junção, as Unidades Básicas de Saúde da Família (UBSF), oferece apoio por meio da atenção básica. O manual do SUS estabelece tipologias de unidades com base na quantidade de famílias atendidas e no número de prontuários, além de fornecer diretrizes para a elaboração do design de interiores, como cores, identidade visual, layout da edificação e dos mobiliários, métodos construtivos, entre outros aspectos, auxiliando as prefeituras municipais na criação de espaços propícios e eficientes para as atividades de saúde.

Considerando que as Unidades Básicas de Saúde da Família (UBSF) representam ambientes de constante movimentação e usos diversos, englobando desde procedimentos de saúde até períodos de permanência nas salas de espera e recepções, torna-se imperativo compreender o impacto causado pelo ambiente na percepção dos indivíduos. É fundamental o desenvolvimento de pesquisas e discussões, uma vez que o aprimoramento desses espaços, dada a sua natureza de acesso público à população, oferece oportunidades significativas para melhorias tanto nas instalações físicas quanto na percepção da população em relação à prestação do serviço.

Nesse sentido, o design de interiores desempenha um papel fundamental nesse processo, especialmente porque as UBSF são locais que lidam com situações de vulnerabilidade física e mental. Assim, o trabalho de projetar esses espaços deve focar na criação de ambientes que favoreçam esses sentimentos, utilizando a espacialidade como ferramenta para proporcionar uma experiência mais acolhedora. Dessa forma, contribuindo para um atendimento mais humanizado e eficaz, garantindo uma relação mais positiva entre os usuários e os serviços oferecidos.

Esta pesquisa foi conduzida com base na qualidade visual percebida e nos aspectos da linguagem visual em uma Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF) intitulada Miriam de Fátima, localizada no município de Esperança, na Paraíba. O município, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), está situado a 151 km da capital paraibana, João Pessoa, e ocupa uma área territorial de 157,851 km², com uma população de 31.231 habitantes (Figura 1). A Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF) Miriam de Fátima (Figura 2), referida nesta pesquisa como UBSF, deve atender a uma população estimada entre três e quatro mil indivíduos, de acordo com as diretrizes do Ministério da Saúde. Classificada como uma UBSF tipo 1, conforme os parâmetros do manual de estrutura física das UBSF e da Estratégia de Saúde da Família (ESF) (Brasil, 2008).

A partir da contextualização apresentada, esta pesquisa busca responder a seguinte questão de pesquisa: "De que forma os elementos visuais do design de interiores podem influenciar a percepção de acolhimento pelos usuários em uma unidade de saúde?".

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme Brooker e Stone (2014), o processo de Design de Interiores tem seu ponto de origem no ser humano, considerando suas necessidades, aspirações e peculiaridades. Quando estendido a um grupo mais amplo de indivíduos compartilhando o mesmo espaço, o programa de necessidades associado é elaborado com base na observação da população usuária. Este processo visa, como resultado, a concepção de um produto ou ambiente, cujo planejamento é direcionado para alcançar o bem-estar, a segurança e a saúde dos usuários. O alcance desse resultado demanda a aplicação de soluções técnicas e criativas no desenvolvimento do projeto de design de interiores, alinhadas com os objetivos estabelecidos. Cabe ressaltar que esse processo não segue uma trajetória linear; ao contrário, é caracterizado por uma dinâmica não linear em que uma variável, por exemplo, pode otimizar outra, sempre visando a criação de um ambiente propício.

Segundo os autores, o desenvolvimento de um projeto requer a implementação de estratégia que proporcione ao usuário interação ao longo das etapas, contemplando não apenas aspectos ergonômicos, mas também contextuais e históricos. Dado que se trata de espaço pré definido espacialmente, o design inevitavelmente enfrenta restrições ambientais que demandam consideração cuidadosa. Nesse contexto, emergem duas abordagens fundamentais no design de interiores: a responsiva e a independente. “Na primeira abordagem, o designer escolhe aceitar completamente as restrições e limitações existentes e criar um interior que seja uma resposta ao seu contexto. A outra forma é quando as restrições são refutadas, e o interior é criado de forma autônoma, ou independente, em relação ao seu contexto” (Brooker e Stone, 2014, p. 62).

Design de interiores, conceitos e aspectos

Conforme Brooker e Stone (2014), o processo de Design de Interiores tem seu ponto de origem no ser humano, considerando suas necessidades, aspirações e peculiaridades. Quando estendido a um grupo mais amplo de indivíduos compartilhando o mesmo espaço, o programa de necessidades associado é elaborado com base na observação da população usuária. Este processo visa, como resultado final, a concepção de um produto ou ambiente, cujo planejamento é direcionado para alcançar o bem-estar, a segurança e a saúde dos usuários. O alcance desse resultado demanda a aplicação de soluções técnicas e criativas no desenvolvimento do projeto de design de interiores, alinhadas com os objetivos estabelecidos.

Ainda segundo os autores, o desenvolvimento de um projeto requer a implementação de uma estratégia que proporcione ao usuário interação ao longo das etapas, contemplando não apenas aspectos ergonômicos, mas também contextuais e históricos. Dado que se trata de espaços pré definidos espacialmente, o design inevitavelmente enfrenta restrições ambientais que demandam consideração cuidadosa. Nesse contexto, emergem duas abordagens fundamentais no design de interiores: a abordagem responsiva e a independente. “Na primeira abordagem, o designer escolhe aceitar completamente as restrições e limitações existentes e criar um interior que seja uma resposta ao seu contexto. A outra forma é quando as restrições são refutadas, e o interior é criado de forma autônoma, ou independente, em relação ao seu contexto” (Brooker e Stone, 2014, p. 62).

A fim de aprimorar os ambientes internos, busca-se não apenas a funcionalidade e a eficiência dos espaços, mas também a criação de atmosferas agradáveis e que contribuam positivamente para o bem-estar emocional dos indivíduos que os habitam. Por outro lado, a ausência de um bom design de interiores pode resultar em mal-estar, ansiedade, desconforto e até mesmo depressão nos indivíduos, em contraste com ambientes agradáveis (Ching, 2006). Todos os elementos presentes no espaço físico são observados pelos usuários, sejam eles elementos construtivos, decorativos ou de composição do ambiente, como mobiliários. A disposição e a apresentação desses elementos ao público podem e vão influenciar a percepção de cada usuário, conforme seu repertório e suas referências (Botton, 2013).

Um design pode ser considerado bom por incorporar elementos que reflitam as tendências contemporâneas, criando a impressão de que os ambientes estão seguindo as últimas novidades mercadológicas (Gurgel, 2013). No entanto, para que um design de interiores seja verdadeiramente efetivo, é essencial que ele alcance o nível funcional, proporcionando experiências confortáveis e prazerosas aos usuários. Para atingir esse nível, é importante considerar várias qualidades espaciais, como acústica, térmica, iluminação, cores e tons, texturas, conforto e segurança, bem como a atmosfera e o sentimento geral do ambiente. Ao levar em conta esses aspectos, é possível criar um ambiente interno harmonioso, funcional e estético (Ching, 2006).

Okamoto (1997) classifica as qualidades espaciais mencionadas por Ching (2006) em dois grupos: elementos objetivos, que possuem valores técnicos, e elementos subjetivos, com valores emocionais. O primeiro grupo inclui elementos como forma, função, temperatura ambiental, iluminação, sonoridade, significado e

simbologia. Já o segundo grupo abrange a proporção, geometria, ritmo, escala, balanço, forma e leveza. Além disso, a cor e a textura são elementos apresentados pelo autor que permeiam ambos os valores. Segundo o autor, "cada um desses valores objetivos resulta no espaço dimensionado, funcional, sonoro, colorido, significativo, e a somatória deles resulta no espaço da comunicação e da arquitetura" (Okamoto, 2002, p. 104).

De acordo com Gurgel (2013) em seu livro "Projetando Espaços: Design de Interiores", a autora destaca seis elementos do design de interiores: espaço, linhas, texturas, padronagens, luz, cor, forma e contorno. É importante relacionar a presença que os elementos mencionados pela autora estão todos no campo objetivo, com valores técnicos abordados por Okamoto (1997), hierarquizando-os em relação aos demais aspectos.

Com base nos autores, é possível estabelecer um agrupamento hierárquico como demonstrado de forma detalhada no quadro de denominações e elementos ambientais (Quadro 1) dos elementos partindo desde Ching (1943) até Gurgel (2013), ressaltando a cor, forma, o conforto ambiental por meio da iluminação e o espaço significativo conceito que corresponde às relações simbólicas do ambiente para o ser humano. Deste modo, os autores mais recentes agrupam elementos como por exemplo o ambiente acústico e térmico de Ching (1943) se incorpora em conforto ambiental mencionado por Scopel (2013), o que não diminui a quantidade de aspectos abordados mas sim apenas uma sistematização do assunto.

Quadro 1: Denominações e elementos ambientais.

Autor / Pesquisador	Denominação	Elemento(s)
Ching, 1943 (Interior Design Illustrated)	Qualidades espaciais	Sentimento, ambiente ou atmosfera; Imagem e estilo; Grau de fechamento espacial; Conforto e segurança; Qualidade da luz; Foco e orientação do espaço; Cor e tom; Texturas; Ambiente acústico; Ambiente térmico; Flexibilidade; Duração projetada de uso.
Okamoto, 1997 (Percepção ambiental e comportamento)	Elementos Objetivos (Valores técnicos) Elementos Subjetivos (Valores emocionais)	Técnicos: Forma, função, aeração, temperatura ambiental, iluminação, sonoridade, significativo e simbologia; Emocionais: Proporção, geometria, ritmo, escala, balanço, forma, leveza; Técnicos e emocionais: Cor e textura;
Gurgel, 2013 (Projetando Espaços: Design de Interiores)	Design e seus seis elementos	Espaço; Forma e contorno; Linhas; Texturas e padronagens; Luz; Cor; Equilíbrio; Harmonia; Unidade e variedade; Ritmo; Escala e proporção; Contraste; Ênfase.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Essa relação de elementos destacados pelos autores ao longo do tempo demonstra a evolução do campo de design de interiores, enfatizando a importância de fatores técnicos e sensoriais para criar espaços agradáveis, funcionais e acolhedores. A consideração cuidadosa desses elementos ao projetar ambientes internos é fundamental para garantir a satisfação dos usuários e sua experiência positiva nos espaços projetados. Compreender a interação entre esses elementos também permite que os profissionais da área desenvolvam projetos que não apenas atendam às necessidades práticas dos ocupantes, mas também ofereçam uma experiência estética e psicologicamente satisfatória.

Gurgel (2013, p.25) destaca que o design de interiores, como processo na elaboração de ambientes, busca utilizar elementos como forma, cor, conforto ambiental, entre outros, para propor soluções que atendam às necessidades específicas de cada espaço. Esses elementos desempenham um papel crucial na criação de ambientes funcionais e esteticamente agradáveis, com mais ou menos complexidade visual influenciando a percepção ambiental dos usuários. Nesse contexto, tanto produtos tangíveis quanto intangíveis moldam a percepção visual dos usuários, dependendo de sua configuração. Portanto, os elementos da linguagem visual desempenham um papel de suma importância na configuração de produtos como ambientes. A harmonização dos elementos como ponto, linha, forma, cor, textura e iluminação, além de questões relativas à proporção e escala, é fundamental no processo de projeto. Esses elementos são essenciais para criar uma mensagem que atenda às expectativas do público-alvo, garantindo a eficácia e a clareza na comunicação visual do espaço (Gurgel, 2013).

Arnheim (2017) argumenta que a arte, por sua vez, representa uma forma de conhecimento intrinsecamente vinculada à percepção e à interpretação do que é observado. Assim, ele defende a ideia de que a prática do Design e da Arquitetura não apenas reflete, mas também contribui significativamente para a construção do entendimento e da apreciação estética do ambiente e da sociedade. O modo como percebemos visualmente

o nosso entorno perpassa a reprodução da realidade, adentrando camadas subjetivas tanto do mundo quanto do indivíduo, a forma como observamos o mundo é influenciado pelo nosso repertório, experiências, expectativas e emoções (Arnheim, 2017).

Ambiência em área de saúde

Conforme apontado por Maior e Storni (2008), a arquitetura pós-moderna reformulou a ideia de ambientes internos das edificações, tornando-os mais compactos e com menos espaços livres. Essa mudança do pensar repercutiu em diversas tipologias ambientais e no meio profissional, atuando de forma delimitadora na procura por soluções estratégicas que permitissem que os usos permanecessem os mesmos. Em alguns contextos específicos, como no caso das edificações de uso hospitalar e saúde em geral, a complexidade é ainda maior. De acordo com Rangel (2018), esta tipologia é caracterizada por possuir uma grande carga emocional, o que faz com que os designers de interiores e profissionais da área tenham que se esforçar ainda mais para garantir níveis satisfatórios de eficiência, mobilidade, estética, conforto visual e ergonômico, além da segurança dos usuários.

De acordo com Foucault (1979, 1984), esses ambientes são definidos como "medicalizados", "instrumentos terapêuticos" e "ferramentas da tecnologia médica", pois todos os aspectos destes espaços e seus atributos são adaptados para garantir a melhor eficácia dos tratamentos e minimizar os riscos de outros problemas de saúde. Ademais, por se tratar de um ambiente que possui diversas exigências sanitárias, tornam-se por diversas vezes monótonos e ausentes de humanização. Em seu livro "Notes On Nursign", Florence Nightingale (1860) enfatiza que a inclusão de objetos diversos quando incluídos no ambiente de saúde através de características como diversidade de formas, cores e luz, podem contribuir significativamente para o bem-estar dos pacientes. Ainda segundo a autora, esses elementos ajudam a estabelecer uma relação positiva entre corpo e mente, aliviando e libertando o psicológico das experiências dolorosas que os pacientes vivenciam.

Compreendendo que os ambientes de saúde possuem uma importância significativa para o bem-estar e recuperação dos pacientes, estes devem ser cuidadosamente projetados e equipados para oferecer o melhor atendimento e cuidado aos seus usuários, considerando as especificidades do ambiente, seja ele recepção, sala de espera, consultório, enfermarias, dentre outros (Rangel e Mont'Avão, 2015).

Nesse contexto as Unidades Básicas de Saúde da Família (UBSF) desempenham um papel crucial como instrumentos de ação pública fundamental do Sistema Único de Saúde (SUS), estabelecendo-se como pontos estratégicos de contato entre a população e a rede de saúde pública em todo o país, devido à sua ampla acessibilidade e distribuição em diversas cidades, bairros e setores brasileiros. Essas UBSF desempenham um importante papel ao disponibilizar à comunidade diversos serviços, incluindo consultas médicas, tratamentos odontológicos, fornecimento de medicamentos básicos entre outras atividades clínicas (Brasil, 2012). Além disso, o SUS procura aprimorar o atendimento e fortalecer o programa Saúde da Família através do constante aperfeiçoamento das Unidades e da expansão dos serviços oferecidos, ao mesmo tempo que busca a melhoria da infraestrutura física para otimizar o atendimento e garantir a efetividade do sistema de saúde pública (Brasil, 2008).

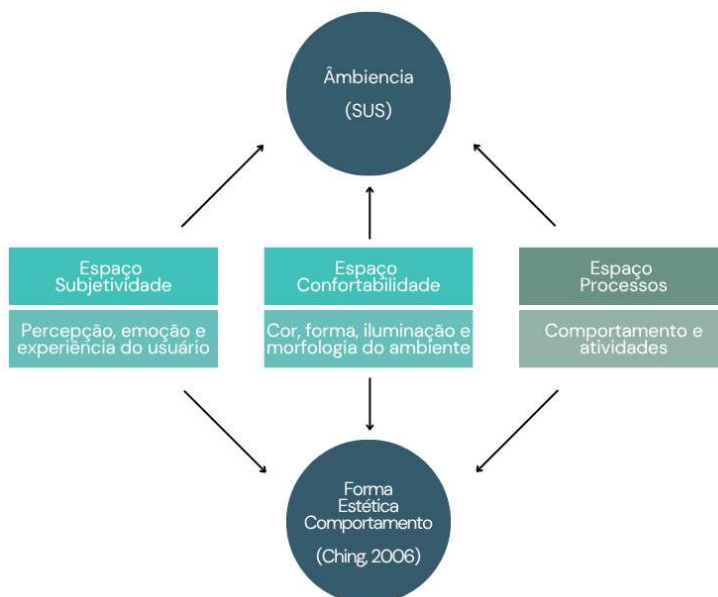
O Ministério da Saúde atribui ao conceito de ambiência uma abordagem abrangente, considerando tanto os aspectos físicos externos e internos das edificações quanto os elementos sociais e interpessoais que configuram um "espaço social, profissional e de relações interpessoais que deve proporcionar atenção acolhedora, resolutiva e humana" em prol da promoção à saúde. Nessa perspectiva, o SUS busca estabelecer diálogos e debates para impulsionar o avanço qualitativo tanto da infraestrutura quanto dos serviços oferecidos, buscando assim humanizar esse instrumento e aprimorar o atendimento à comunidade.

O conceito de ambiência (Figura 1), utilizado pelo SUS, abrange três eixos que orientam a composição dos ambientes, incluindo as Unidades Básicas de Saúde da Família (UBSF). O primeiro eixo refere-se ao espaço voltado à confortabilidade, que engloba elementos como cor, som, iluminação e morfologia do ambiente. Os demais eixos mencionados, por sua vez, estão relacionados aos níveis funcional e psicológico. O segundo eixo diz respeito ao espaço que possibilita a produção de subjetividades, ou seja, como o ambiente pode influenciar a percepção, emoções e experiências dos usuários. Já o terceiro eixo é representado pelo espaço usado como ferramenta facilitadora do processo de trabalho, o que implica em adequações que otimizem a rotina dos profissionais e a eficiência dos serviços prestados nas UBSF.

Esses elementos, conforme descritos por Ching (2006) nas qualidades espaciais, abrangem a forma, estética e o comportamento dos indivíduos no ambiente. Assim, o espaço da confortabilidade, subjetividade e

processos compreendem os principais elementos do design de interiores que afetam diretamente a percepção ambiental dos indivíduos e contribuem para a humanização do ambiente físico. Ao abordar esses três eixos, o Ministério da Saúde busca direcionar a criação de ambientes acolhedores, resolutivos e humanizados, reforçando a importância de uma abordagem holística na concepção dos espaços de saúde, para que as UBSF sejam não apenas funcionais, mas também promotoras de bem-estar e cuidado integral à população.

Figura 1: Ambiência e os níveis do design de interiores de Ching (2006).



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Com base no exposto, o Ministério da Saúde, ao adotar o conceito de ambiência, busca uma abordagem abrangente que considere não apenas os aspectos físicos, mas também os elementos sociais e interpessoais dos espaços de saúde. O SUS visa promover a humanização, estimulando diálogos e debates para aprimorar tanto a infraestrutura quanto os serviços. Os três eixos da ambiência - conforto, produção de subjetividades e facilitação do processo de trabalho - orientam a composição dos ambientes, visando criar espaços acolhedores, resolutivos e humanizados, promovendo não apenas funcionalidade, mas também bem-estar e cuidado integral à população.

Percepção do ambiente

Inicialmente é importante compreendermos o significado da percepção e suas possíveis interpretações. Nos dicionários da língua portuguesa, a terminologia "percepção", derivada do latim "perception", é definida como o ato ou efeito de perceber por meio de um ou mais sentidos do corpo na captação de informações referentes à identificação de um determinado objeto. Outra definição relevante associa a percepção ao conhecimento obtido pelos sentidos, incluindo sensação, intuição, ideia, imagem e representação intelectual (Marin, 2008).

Para Okamoto (2002), a capacidade de interpretar e compreender o mundo físico ocorre por meio dos nossos sentidos sensoriais, espaciais e não verbais. Segundo o autor, a percepção pode ser compreendida por meio de três dimensões dos sentidos: sensorial, espacial e proxêmica. Os sentidos sensoriais incluem visão, olfato, paladar, tato, audição e térmico. Já os sentidos espaciais envolvem o sentido vestibular (equilíbrio e gravidade), o sentido do movimento e o sentido cinestésico. Por fim, há o sentido proxêmico, que abrange o espaço íntimo, pessoal, social, público, territorial, privado e comportamento espacial. Cada um desses sentidos possui características individuais e está vinculado às experiências pessoais. Para cada tipologia, existem abordagens distintas para a compreensão e diferentes metodologias de aplicação. Essa compreensão ampla da percepção demonstra a complexidade envolvida na interpretação sensorial e cognitiva do ambiente ao nosso redor.

Na escala ambiental, especialmente naquela artificial produzida pelo ser humano, que engloba espaços livres públicos, edificações e ambientes internos, Okamoto (2002, p. 9) ressalta a importante necessidade de "criar

o ambiente perceptivo do ser humano para o seu desenvolvimento adequado, utilizando uma linguagem ambiental". Nesse contexto, Okamoto (2002) enfatiza a importância de conceber produtos ambientais que permitam que emoções e experiências sejam vivenciadas sem serem oprimidas pela racionalidade imposta pela cultura ocidental, segundo o autor:

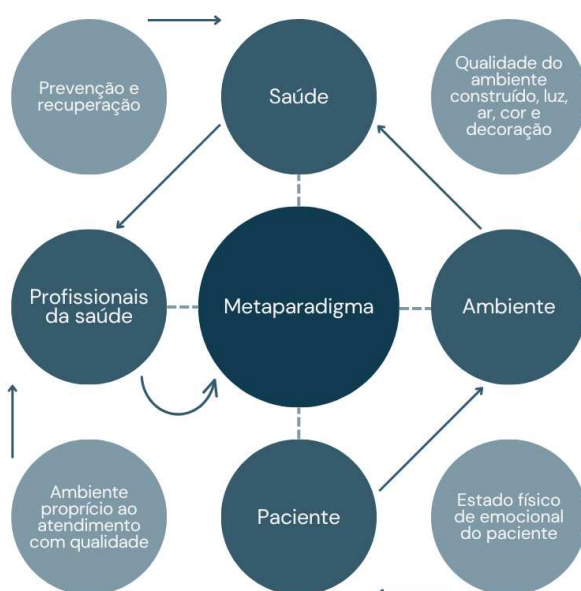
Equilíbrio, a harmonia e a evolução espiritual do homem, atendendo às suas aspirações, acalentando seus sonhos, instigando as emoções de se sentir vivo, desenvolvendo nele um sentido afetivo em relação ao locus.(Okamoto, 2022, p.15).

O comportamento do indivíduo no espaço resulta de suas particularidades e da percepção do ambiente, influenciado pelos estímulos ambientais (Rangel e Mont'Alvão, 2015, p. 04). Pinheiro e Elali (2013) endossam essa ideia, enfatizando que as relações humanas são intrínsecas ao ambiente de inserção. Essa visão é fundamentada na compreensão de que somos seres espaciais, e o espaço é o meio no qual desenvolvemos atividades emocionais e pragmáticas.

Conforme enfatizado por Zevi (2009, p. 18 *apud* Niemeyer, 2018), o espaço deve ser "conhecido e vivido, não apenas pela experiência direta". Para o autor, os ambientes transcendem uma mera forma espacial, incorporando intenções que proporcionam interações, experiências, percepções e apropriações intensas. Nesse contexto, o conceito de percepção ambiental é introduzido de forma expressiva na arquitetura. Essa perspectiva de Zevi (2009), destaca a importância da configuração física do espaço e da experiência subjetiva. Elali (2003) por sua vez, também define o espaço físico enquanto influenciador do comportamento por meio de aspectos subjetivos e objetivos, visíveis e invisíveis inerentes ao ambiente, tais aspectos podem ser iluminação, ventilação, temperatura, quantidade de pessoas, receptividade entre outras características.

Como destaca pelos autores Zevi (2009) e Elali (2003), Florence Nightingale (1860) observou as conexões entre o ambiente e o ser humano, especialmente em contextos hospitalares. A enfermeira e autora, por meio de suas observações dos pacientes, afirmou que os efeitos de um ambiente agradável e acolhedor não apenas influenciam o aspecto psicológico, mas também o físico. Ela destacou: "As pessoas dizem que o efeito é apenas na mente. Não é nada disso. O efeito também é no corpo. Pouco sabemos sobre a maneira como somos afetados pela forma, pela cor e pela luz, mas sabemos que eles têm um efeito físico real" (Nightingale, 1860, p.74). Ao expressar tais palavras, Nightingale demonstrou uma visão fundamental de estudos sobre a relação entre o ambiente construído e o bem-estar físico e mental, uma perspectiva precursora no entendimento do design de ambientes de cuidados de saúde, tal entendimento corresponde a metaparadigma da enfermagem (Figura 2) na qual relaciona a pessoa, o ambiente, a saúde e a enfermagem.

Figura 2: Esquema da metaparadigma da enfermagem.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

No âmbito da percepção visual, é possível compreender essa esfera da percepção ambiental através da capacidade de reconhecimento do objeto, discriminando os estímulos visuais provenientes das informações geradas pela iluminação e interpretando-as de maneira associativa às experiências ou repertórios vivenciados anteriormente. É imprescindível ressaltar que tais experiências têm raízes na infância, onde o estímulo se torna um meio de apreciação cognitiva, afetiva e de vivência do ambiente em que o usuário está inserido (Frosting, 1980).

Portanto, o entendimento aprofundado da percepção visual no design de interiores se apoia na capacidade de discernir e interpretar os elementos visuais do ambiente, considerando as influências cognitivas e afetivas oriundas de experiências prévias conforme menciona Arnheim (2017, p.13) “longe de ser um registro mecânico de elementos sensórios, a visão prova ser uma apreensão verdadeiramente criadora da realidade - imaginativa, inventiva, perspicaz e bela”. Essa abordagem enriquece a relação entre o usuário e o espaço construído, destacando a importância da estética e da harmonia visual na criação de ambientes significativos. Nesse contexto, Arnheim (2017) destaca que a manipulação dos aspectos visuais inerentes ao espaço é uma característica presente diariamente nos processos projetuais dos arquitetos, sendo aplicada em um contexto de diversos objetos correlacionados. Dessa forma, o profissional pode significativamente contribuir para o aprimoramento do espaço construído, proporcionando sensações aos indivíduos por meio da percepção visual. O uso de artifícios que induzem ao relaxamento, tranquilidade, confiança e descanso, especialmente em ambientes hospitalares, é crucial.

A aplicação consciente da manipulação visual no design de interiores não apenas influencia a estética do espaço, mas também desempenha um papel fundamental no bem-estar e na qualidade da experiência para todos os envolvidos no ambiente hospitalar. Logo, entre as diversas ferramentas projetuais que podem ser utilizadas para a análise conceitual e crítica de projetos relacionados à percepção visual, destaca-se a teoria da Gestalt, desenvolvida por Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Koffka. Contudo, ela não é o único instrumento disponível. Outras teorias, como o alfabetismo visual (Dondis, 2007) a teoria das facetas (Shye; Elizur; Hoffman; 1994) e os estudos sobre a qualidade visual percebida (Costa Filho, 2012, 2014), também oferecem contribuições valiosas para a compreensão e o aprimoramento do design, ampliando as possibilidades de análise e interpretação.

Qualidade visual percebida

No campo do design de interiores, a discussão sobre funcionalismo, simbolismo e significado ganha relevância para criar ambientes que não apenas atendam às necessidades práticas, mas também estabeleçam conexões emocionais e psicológicas com os usuários. A qualidade visual percebida (QVP), conforme os estudos de Nasar (1988) e Costa Filho (2012), é compreendida como um conceito psicológico que reflete as impressões subjetivas dos usuários sobre um determinado espaço ou produto. Embora influenciada por processos perceptuais e cognitivos, a QVP se destaca por seu caráter emocional, sendo resultado de uma avaliação contínua baseada nas interações sensoriais e emocionais que os indivíduos vivenciam em relação ao ambiente ou objeto analisado. Esse julgamento envolve uma combinação única de estímulos visuais e sensações, que moldam a maneira como o espaço é interpretado e experienciado, destacando a importância de elementos visuais na criação de ambientes que proporcionem bem-estar e impacto positivo.

Ao compreender a qualidade visual percebida (QVP), percebe-se uma relação direta entre os ambientes internos e os planos tridimensionais que os compõem. Para Ching (2013) os planos de piso, teto e vedação desempenham um papel fundamental na construção da experiência visual e emocional dos usuários em um determinado espaço. Cada plano contribui de forma específica para a composição visual, funcionalidade, harmonia estética, ergonomia e percepção sensorial do ambiente.

Conforme Ching (2013) o plano de piso, por exemplo, atua como a base visual do espaço, orientando os fluxos e definindo os usos por meio do zoneamento. Já o plano de vedação delimita os espaços, podendo integrá-los visual ou fisicamente, ou, por outro lado, isolá-los conforme necessário. Por sua vez, o plano de teto, embora frequentemente subestimado devido o menor contato físico, tem um impacto significativo na percepção do ambiente, influenciando sensações de altura, amplitude e até mesmo a atmosfera geral do espaço.

Nesse sentido, a relação entre o ambiente, a percepção e o comportamento, adentra a discussão a respeito da Qualidade Visual Percebida (QVP). A QVP se situa na interseção de três esferas de estudo teórico: design, estética ambiental e ergonomia do ambiente construído. Ela é considerada um aspecto psicológico por conter características subjetivas relacionadas ao objeto em observação. Costa Filho (2020) reforça essa perspectiva

ao destacar que os aspectos visuais dos elementos que compõem o ambiente influenciam diretamente a experiência dos indivíduos. Esses aspectos visuais induzem significados, emoções e sentimentos, afetando assim o comportamento dos indivíduos no espaço físico. De acordo com Silva Júnior e Costa Filho (2017), a QVP pode ser definida da seguinte maneira:

A qualidade visual percebida é uma construção psicológica: envolve avaliações subjetivas. Tais avaliações têm referências primárias tanto para o ambiente como para os sentimentos das pessoas sobre o ambiente. As primeiras são chamadas de julgamentos perceptivos/cognitivos e as últimas de julgamentos emocionais. (Silva Júnior e Costa Filho (2017, p. 4).

De acordo com Nasar (1988), para que consigamos criar ambientes satisfatórios e que atendam a bons parâmetros de qualidade visual percebida, é essencial que esses ambientes ofereçam características visuais que se relacionam positivamente com as respostas humanas. Sobre isso, o autor destaca que:

As pesquisas apontaram para seis tipos de características visuais que são relacionadas às respostas humanas para o ambiente, são elas: ordem, complexidade moderada, naturalidade, manutenção, abertura visual, e significado histórico. As áreas avaliadas positivamente tendem a ter esses atributos; e as que foram avaliadas de modo negativo têm atributos opostos – desordem, complexidade mínima ou máxima, artificialidade, dilapidação, obstrução visual, e ausência de significado histórico. As variáveis formais são representadas por ordem, complexidade e abertura visual; já as variáveis simbólicas são representadas por manutenção, naturalidade e significado histórico (Nasar, 2000 *apud* Costa Filho 2020 p.03).

Dentre as características visuais mencionadas por Nasar (1988), três principais permitem compreender o espaço em ambientes de saúde: abertura visual, naturalidade e complexidade. A abertura visual corresponde a uma visão ampla e com aberturas no espaço, promovendo um melhor entendimento da cena em que o indivíduo está inserido, mas com a segurança de um espaço edificado. Como destacado por Nasar (1998 *apud* Costa Filho (2020), as pessoas tendem a evitar locais que propiciam enclausuramento, aglomerações e congestionamento. A amplitude visual, sem elementos que diminuam a acessibilidade visual, permite uma maior integração dos espaços, assim como do indivíduo com o meio interno e externo, alinhando-se com as recomendações de Nightingale (1860).

Em relação à naturalidade, Nasar (1988) destaca a presença de elementos da natureza no ambiente, como o uso de plantas, visão para o meio externo da edificação, especialmente para a natureza, o céu e a iluminação natural. Pesquisas realizadas pelo autor (1988) ressaltam a importância desses elementos em ambientes hospitalares, contribuindo para a melhora dos pacientes e a humanização dos espaços utilizados.

Nasar (1988) também destaca a complexidade como uma característica que aumenta o interesse através da excitação de estar no local. No entanto, essa complexidade não deve ser excessiva, pois altos níveis podem comprometer negativamente a experiência do usuário. A complexidade deve ser moderada e pode ser relacionada à quantidade de informações visuais, formas, cores, texturas e iluminação presentes no design de interiores, vistos à luz da linguagem e composição visual. O ambiente deve buscar um nível satisfatório, sem exagerar na quantidade de informações a serem processadas visualmente pelos indivíduos. Segundo o autor (1988), essa variável reflete a interação do ser humano com o ambiente construído.

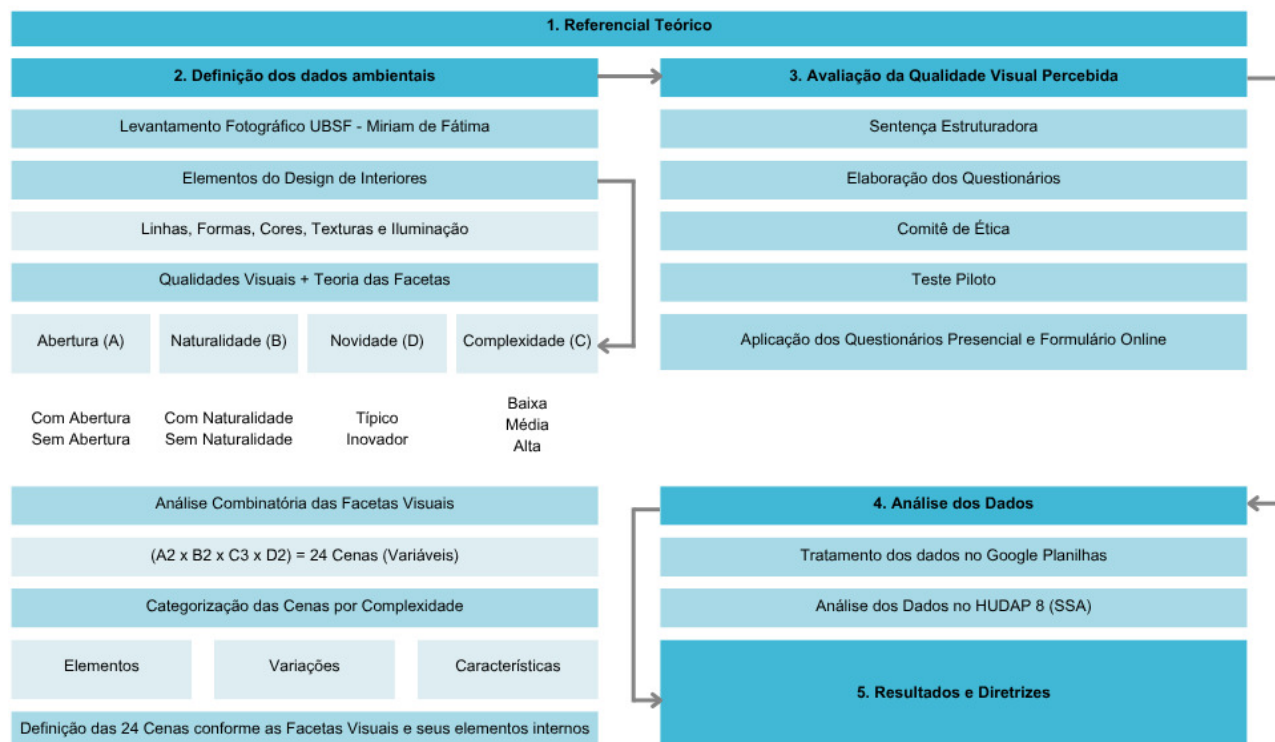
Costa Filho (2020) mencionam outra qualidade, a novidade, que corresponde ao estilo. A novidade pode conter um estilo típico ou um estilo inovador, com a preferência do público variando conforme o objeto avaliado. A resposta dos indivíduos é identificada pelo distanciamento entre a percepção e a expectativa. A novidade se divide em duas dimensões: os aspectos hedônicos positivos, ligados à necessidade de explorar novas experiências e à curiosidade, e os aspectos hedônicos negativos, relacionados ao medo, descuriosidade ou desinteresse (Costa Filho, 2020).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em síntese, a presente pesquisa, de natureza aplicada e abordagem quali-quantitativa, busca contribuir para o campo da percepção ambiental em ambientes de saúde, com foco na perspectiva dos usuários. Amparada pelos fundamentos teóricos de autores como Gil (2008), Creswell (2010) e Yin (2010), a pesquisa combina elementos exploratórios e descritivos, permitindo uma análise abrangente das relações entre o ser humano e o ambiente. A adoção de métodos como o levantamento bibliográfico, o levantamento de campo e o estudo de caso garante a profundidade necessária para compreender e solucionar os problemas reais identificados.

A pesquisa foi organizada em cinco etapas metodológicas, delineadas para garantir a consistência e a confiabilidade dos resultados obtidos. Estas etapas são compostas por: revisão bibliográfica, definição dos dados ambientais, avaliação da qualidade visual percebida, análise dos dados e, finalmente, a apresentação dos resultados e diretrizes (Figura 3).

Figura 3: Fluxograma das etapas metodológicas.



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

A investigação é estruturada em duas etapas principais. Na primeira, busca-se compreender a percepção dos usuários em relação à qualidade visual, utilizando a Teoria das Facetas como base teórica. Essa etapa abrange tanto o objeto de estudo principal, a UBSF Miriam de Fátima, localizada em Esperança – PB, quanto outros ambientes de mesma tipologia. Já na segunda etapa, o pesquisador, como especialista em Arquitetura, realiza reflexões críticas a partir dos resultados obtidos na fase inicial, aprofundando-se no detalhamento das cenas das salas de espera das UBSF, com foco na exploração e na linguagem visual. Além disso, as etapas e os procedimentos metodológicos empregados durante a pesquisa de campo e a coleta de dados, consolidando os elementos que sustentam a análise e as reflexões realizadas.

Primeira etapa (Referencial Teórico)

Todas as etapas metodológicas partiram do referencial teórico, considerando que, a partir da leitura, busca e investigação das temáticas incluídas nesta pesquisa, foi possível delinear os eixos norteadores desta investigação. No caso, esses eixos foram a área do Design de Interiores e Percepção Ambiental. Com o objeto de estudo previamente selecionado (Unidade Básica de Saúde da Família - Miriam de Fátima), iniciou-se a busca por artigos, livros, dissertações e teses nas plataformas Scielo, Scopus, Google Acadêmico e Periódicos CAPES.

Durante a revisão bibliográfica, identificou-se escassez de estudos voltados à área do Design de Interiores, especialmente no que diz respeito à percepção ambiental pelos usuários. Essa lacuna revelou-se como uma área com possibilidades de inúmeras abordagens. Ao analisar as fontes de pesquisa, destacou-se a importância de compreender o Sistema Único de Saúde e as Unidades Básicas de Saúde da Família. Posteriormente, foi necessário obter dados e informações do Ministério da Saúde, da Secretaria de Saúde do Município e de pesquisadores da área.

Com esse embasamento, iniciou-se a exploração dos estudos sobre Design de Interiores e Percepção Ambiental, com foco na Percepção Visual e suas principais características. Nesse momento, a pesquisa delineia-se para compreender o ambiente como produto e sua relação com os usuários. Sistematizaram-se as metodologias de avaliações necessárias para a pesquisa, incluindo abordagens sobre alfabetismo visual, propostas por Dondis (1997) que oferecem suporte à avaliação do ambiente sob a perspectiva do pesquisador. Além disso, para auxiliar na avaliação do ambiente na perspectiva dos usuários, incorporou-se a Teoria da Qualidade Visual Percebida demonstrada por Nasar (1988) em conjunto a teoria das facetas desenvolvida por Shye, Elizur e Hoffman (1994). A junção de ambas as teorias QVP e facetas constituem a avaliação da qualidade visual percebida elaborada por Costa Filho (2012, 2020).

Segunda etapa (Definição dos dados ambientais)

A coleta de informações sobre o ambiente de estudo constituiu a segunda etapa, e tem por finalidade definir os elementos que influenciam diretamente nas interações entre os usuários e o objeto enquanto produto de Design. Além dos elementos do design de interiores como cores, formas, linhas, texturas e iluminação que compõem a faceta visual complexidade, nesta etapa foram definidas as qualidades visuais destacadas por Nasar (1988) e Costa Filho (2012, 2014), como a abertura dos ambientes, tanto no sentido visual, relacionada à acessibilidade física entre os espaços internos e externo, quanto à própria acessibilidade física do ambiente. Outros aspectos avaliados incluíram a naturalidade, que se refere à presença de elementos naturais no espaço; a complexidade, relacionada à diversidade e à riqueza dos elementos do design de interiores anteriormente referenciados; e a novidade, que classifica o ambiente quanto ao seu grau de tradicionalismo em relação ao contexto ou à inovação.

Dentre as características registradas durante esta etapa, foi possível observar e aplicar os fundamentos da Qualidade Visual Percebida, utilizados posteriormente na avaliação por meio da Teoria das Facetas. Costa Filho (2014) descreveu essa teoria como uma abordagem multidimensional, capaz de analisar detalhadamente as implicações entre os elementos escolhidos para o domínio de interesse da pesquisa. Nesse sentido, ao detalhar as facetas focando na avaliação da qualidade visual percebida, ele define a pesquisa como estruturada por meio de uma sentença estruturadora (*mapping sentence*), que permite organizar as diversas interações e interferências possíveis entre os elementos registrados. Esses fundamentos possibilitaram uma abrangente análise e compreensão da relação entre os elementos de design de interiores e a percepção visual dos usuários.

Essa metodologia é exemplificada em estudos realizados por Costa Filho, que visam compreender a percepção estética e ambiental, com ênfase nos indivíduos e sua relação com o ambiente (Costa Filho, 2014). Neste contexto, conforme Costa Filho (2012), as informações qualitativas sobre a percepção cognitiva e afetiva dos usuários são consideradas pertinentes para o estudo, envolvendo um número significativo de opiniões comuns compartilhadas pelos usuários.

Descrita por Shye, Elizur e Hoffman (1994), a Teoria das Facetas (TF) é uma abordagem metateórica que visa coletar e analisar dados, oferecendo uma alternativa à falta de clareza e à fragilidade dos métodos estatísticos tradicionais empregados nas pesquisas das ciências sociais. De acordo com esses autores, a (TF) se desenvolve através da utilização de dados teóricos para a formulação de hipóteses, que são subsequentemente testadas para sua validação. De acordo com Costa Filho (2014), a Teoria das Facetas apresenta uma abordagem multidimensional, permitindo a análise detalhada de diversas alterações de elementos presentes no domínio de interesse da pesquisa.

Nesse sentido, três facetas principais organizam a sentença estruturadora, que correspondem a população, conteúdo e o racional. Cada faceta possui características específicas, como por exemplo a primeira faceta da estrutura, população, é composta por dois grupos de público não especialistas e especialistas. A segunda faceta intitulada de conteúdo, refere-se à qualidade visual percebida e inclui quatro características visuais ou facetas visuais: abertura, naturalidade, complexidade e novidade. A primeira qualidade visual percebida, intitulada faceta visual abertura, corresponde a acessibilidade visual conforme Kunst e Costa Filho (2021), tal característica ambiental favorece ao usuário uma visão ambiental mais ampla e compreensiva das cenas. Do contrário, o campo de visão é reduzido assim como a circulação no ambiente. Conforme Nasar (1988), as pessoas tendem a responder optando com maior favoritismo aos espaços abertos tendo em vista que não gostam de obstruções.

A segunda faceta visual naturalidade, induz respostas calmantes e restauradoras aos usuários. Estudos realizados por Nasar (1988), associam respostas psicofisiológicas entre pacientes que têm acesso visual por aberturas a áreas com vegetação e pacientes sem acesso visual com ausência ou pequenas aberturas para

áreas sem elementos naturais. Estas pesquisas indicam melhora na recuperação dos indivíduos que têm no seu ambiente a presença da natureza, já do contrário, é possível associar a uma piora no quadro. Além disso, o autor (1988) menciona a diminuição no nível do estresse em áreas de circulação com a presença de elementos naturais.

Para a faceta visual complexidade, Nasar (1988) menciona que esse atributo contribui para a preferência ao envolver o observador, convidando à exploração, bem como na representação das informações imediatamente disponíveis. A ideia ao referir-se à complexidade está ligada à quantidade de elementos que podem ser percebidos ou analisados. Segundo os autores o nível mediano de complexidade quando se comparado ao de baixo e máximo nível de complexidade, se configura como sendo o mais agradável.

Como último aspecto, relacionado a faceta conteúdo tem-se a faceta visual novidade, correspondente ao repertório do indivíduo, bem como ao distanciamento das experiências vivenciadas no atual momento e anterior de um mesmo tipo de ambiente ou no mesmo ambiente. A preferência pelo típico ou inovador vai ser subjetivo com base nas experiências dos usuários durante suas experimentações no decorrer da vida. (Filho, 2020).

As facetas visuais relacionadas à faceta conteúdo podem ser compreendidas por meio de elementos internos que definem as características visuais específicas. A Faceta de código (A), que trata da abertura entre o ambiente externo e interno, é composta por dois elementos: (A1) Aberta, representando ambientes que permitem uma conexão visual mais ampla com o exterior, e (A2) Fechada, que indica ambientes mais isolados visualmente. A Faceta de código (B), relacionada à naturalidade, avalia a presença de elementos naturais no ambiente. Ela também é dividida em dois elementos: (B1) Sem naturalidade, indicando ausência ou baixa presença de elementos naturais, e (B2) Com naturalidade, representando ambientes que incorporam características naturais de forma evidente.

A Faceta de código (C), que aborda a complexidade, analisa a quantidade de informações e elementos visuais presentes no ambiente, como cores, formas, volumes e outros aspectos descritos no referencial teórico desta pesquisa. Essa faceta é subdividida em três níveis: (C1) Baixa complexidade, que se refere a ambientes simples e com poucos estímulos visuais; (C2) Média complexidade, que apresenta um equilíbrio na quantidade de elementos; e (C3) Alta complexidade, caracterizada por um grande número de informações visuais e detalhes. Por fim, a Faceta de código (D) está associada ao nível de novidade da cena para os usuários. Ela é composta por dois elementos: (D1) Típico, que indica cenas familiares e comuns, e (D2) Inovador, que representa cenas únicas e diferenciadas, capazes de despertar curiosidade.

A terceira e última faceta racional, tem como objetivo quantificar as escolhas dos usuários com base na sentença estrutural, visando avaliar a qualidade visual percebida nos ambientes de recepção das unidades básicas de saúde através da percepção e cognição da amostragem. Para essa faceta, foi utilizada a escala Likert com intervalos de 1 a 5, onde: (1) nada, (2) pouco, (3) mais ou menos, (4) muito e (5) extremamente. Esses valores são utilizados conforme a numeração correspondente para a tabulação dos dados brutos coletados.

Considerando as facetas mencionadas e suas possíveis combinações em relação ao conteúdo, a configuração específica (A2 x B2 x C3 x D2) resulta em um total de 24 possibilidades distintas de ambientes, cada um apresentando diferentes tipos de qualidades visuais percebidas. Esta diversidade de combinações permite uma análise detalhada e abrangente das variações na percepção visual dos usuários em diferentes contextos ambientais, sendo mensuradas através da escala "Likert". Dentre as imagens, está o objeto de estudo desta pesquisa, a UBSF - Miriam de Fátima, correspondente à Sala 03, que apresenta características visuais classificadas como: (Faceta A: abertura) obstruída, (Faceta B: naturalidade) sem naturalidade, (Faceta C: complexidade) média e (Faceta D: novidade) típico, formando o conjunto A1B1C2D1.

Terceira etapa (Avaliação da qualidade visual percebida)

Para a coleta de dados neste estudo, foi adotada uma abordagem conhecida como Sistema de Classificações Múltiplas (SCM), conforme definido por Canter, Brown e Groat (1985). Este método requer dos participantes que agrupem ou separem repetidamente os mesmos elementos de acordo com critérios individuais, alinhados aos objetivos da pesquisa. Os autores ressaltam a praticidade, a baixa demanda cognitiva e a familiaridade dos participantes com a tarefa, dada a natureza comum de divisão e seleção de itens no cotidiano. Além disso, a técnica se destaca por sua aplicabilidade em explorar aspectos qualitativos, utilizando as classificações dos participantes para investigar seus sistemas conceituais em relação ao ambiente estudado, conforme descrito por pesquisadores como Roazzi (1995) e Costa Filho (2012, 2014).

Costa Filho (2014) diferencia duas modalidades do SCM: classificações livres, onde os participantes podem criar suas próprias categorias segundo critérios pessoais, e classificações dirigidas, onde os critérios são estabelecidos pelo pesquisador. Considerando as características desta pesquisa, optou-se pela modalidade de classificações dirigidas. Com base nas evidências que destacam as vantagens do Sistema de Classificações Múltiplas (SCM) na avaliação de espaços, foi disponibilizado um questionário estruturado eletronicamente para ser respondido presencialmente e remotamente pelos indivíduos usuários da UBSF.

Partindo para a estrutura do questionário à luz da teoria das facetas, Bilsky (2003) destaca que três **facetas** essenciais devem ser consideradas em uma investigação científica: **população**, **conteúdo** e **racional**. A **faceta 'população'** envolve os sujeitos incluídos na pesquisa, enquanto a **faceta 'conteúdo'** abrange as variáveis analisadas, como estímulos, itens e perguntas. A interseção entre as **facetas** de **população** e **conteúdo** define o campo de interesse, denominado domínio. Essas **facetas**, quando sistematicamente inter-relacionadas, formam uma sentença estrutural, um componente central da **Teoria das Facetas**. Shye, Elizur e Hoffman (1994) destacam que essa estrutura é valiosa para os pesquisadores, pois define claramente as variáveis da pesquisa e o papel que desempenham no contexto investigado. Nesse sentido, foi delimitado a seguinte sentença estruturadora (Figura 4): “Em que medida o indivíduo utilizador especialista ou não especialista avalia que uma sala de espera e recepção de abertura obstruída ou desobstruída e com ou sem presença de naturalidade de complexidade baixa, média ou alta num estilo novidade típico ou inovador transmitem a nada, pouca, mais ou menos, muito ou demais a sensação de acolhimento?”.

Figura 4: Sentença estruturadora com facetas.

Em que medida o indivíduo utilizador (especialista | não especialista) avalia que uma sala de espera e recepção de

Faceta (A): Abertura	Faceta (B): Naturalidade	Faceta (C): Complexidade	Faceta (D): Novidade
(A1) Obstruída	(B1) Sem	(C1) Baixa	(D1) Típico
	e	de	num estilo
(A2) Desobstruída	(B2) Com	(C2) Média	(D2) Inovador
		(C3) Alta	transmitem

Racional

- (1) Nada
(2) Pouco
(3) Mais ou menos
(4) Muito
(5) Demais
- a sensação de acolhimento.

Fonte: Adaptado de Kunst e Costa Filho (2021).

A aplicação dos questionários nessa fase só foi iniciada após a aprovação do comitê de ética. Para sua realização, foi entregue aos participantes uma via do TCLE assinada pelo pesquisador e participante além dos Questionários de Delineamento de Perfil dos Usuários (DPU) e Questionário de Avaliação da Qualidade Visual Percebida (QVP).

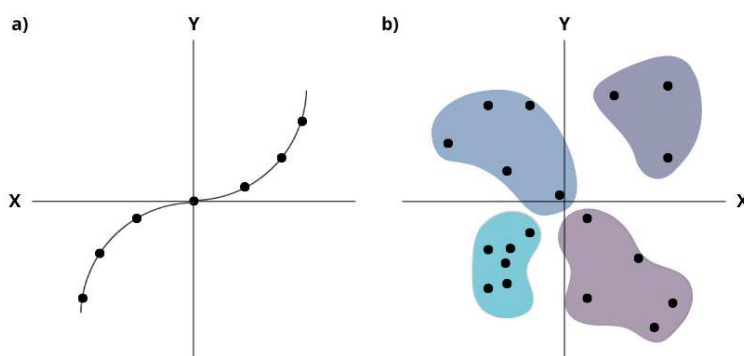
Quarta etapa (Análise dos dados)

Para essa análise, adotou-se a Análise da Estrutura de Similaridade (SSA, do inglês *Similarity Structure Analysis*), também conhecida como Análise do Espaço Menor (*Smallest Space Analysis*), conforme utilizada em estudos de Costa Filho (2012, 2014). De acordo com Bilsky (2003), essa técnica é amplamente aplicada nas ciências sociais para identificar e examinar as estruturas de relação entre variáveis. O método SSA permite a representação visual de conceitos abstratos, organizando itens em agrupamentos que refletem suas semelhanças, como descrito por Shye et al. (1994). Esses agrupamentos são formados com base nos índices de similaridade, calculados a partir de coeficientes de correlação entre pares de itens observados. Esse procedimento oferece uma visão ampla e integrada dos elementos que compõem o domínio de análise, funcionando como uma amostragem holística. O domínio, neste contexto, refere-se ao conjunto total de elementos ou itens que estão sendo estudados, representando o universo de observação da pesquisa.

Ele abrange todas as características ou facetas, como, por exemplo, abertura, naturalidade, complexidade e novidade. Nesse sentido, devido à quantidade extensa de dados e variáveis envolvidas, é crucial o uso de um software específico (Shye et al., 1994). Neste estudo científico, após a adoção do Sistema de Classificações Múltiplas (SCM), optou-se pelo software HUDAP 8 (Hebrew University Data Analysis Package), desenvolvido por Reuven Amar e Shlomo Toledano em 1994. Desenvolvido para análises da Teoria das Facetas, Costa Filho (2014) descreve essa técnica como um sistema de escalonamento multidimensional

projetado para analisar a matriz de correlações entre as variáveis, que são representadas graficamente como pontos em um espaço euclidiano. Segundo Roazzi et al. (2009 *apud* Costa Filho, 2014), o gráfico gerado a partir dos dados coletados utiliza os conceitos de continuidade e contiguidade (Figura 5). Embora ambos estejam relacionados à proximidade e conexão no espaço, seus significados são distintos.

Figura 5: Representação da continuidade a) e da contiguidade b).



Fonte: Google Imagens (2024).

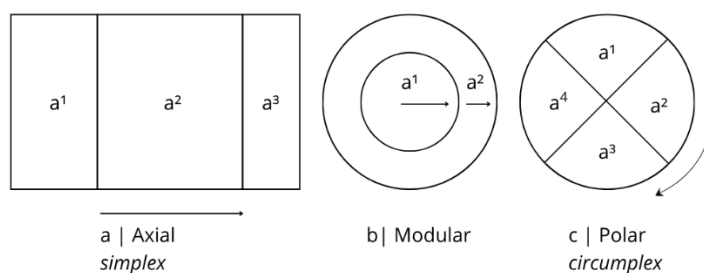
Silva Júnior (2017) explica que através do SSA temos como resultado o diagrama do espaço. Nessa representação há diversos pontos que correspondem às combinações das facetas em análise e para cada par de variáveis, o software, por meio de cálculos e estatística, atribui distâncias entre os pontos do espaço euclidiano. O cálculo realizado considera todos os pontos do espaço, computando a referência individual de cada ponto em relação aos demais. Quanto maior a semelhança entre duas variáveis, maior será a proximidade assim como o inverso. O autor exemplifica da seguinte maneira:

Se o coeficiente de similaridade entre A e B, por exemplo, for maior que o coeficiente de similaridade entre E e F, a distância entre A e B será menor se comparada com a distância entre E e F (Amar, 2005, p. 82 *apud* Silva Júnior, 2017).

O uso do Sistema de Análise de Similaridade (SSA) permite compreender a posição de todos os exemplos a serem avaliados, além de demonstrar novas possíveis relações entre os dados obtidos, oferecendo uma alternativa às análises quantitativas convencionais. Ao término da aplicação dos questionários e tabulação dos dados, os resultados da pesquisa possibilitam confirmar a sentença estruturadora para a avaliação da qualidade visual percebida em salas de espera e recepção em unidades básicas de saúde da família. Além disso, os resultados proporcionam questionamentos para a melhoria das facetas consideradas na questão de pesquisa (Silva Júnior, 2017).

Costa Filho (2012), destacam por meio de seus estudos que, quanto mais próximos os pontos referentes às imagens selecionadas, mais semelhante será a avaliação feita pelos entrevistados refletindo correlações através do agrupamento. Isto permite realizar observações sistemáticas na busca por melhorias da qualidade visual percebida em outras variáveis. Costa Filho (2012), Bilsky (2003) e Lopes (2008) definem que a forma pela qual a análise multidimensional é realizada depende dos tipos de facetas, sendo estas ordenadas ou qualitativas. Os autores mencionam que comumente são utilizados três modelos de representação para interpretação (Figura 6), são eles: (a) Axial - Simplex, (b) Modular e (c) Polar - Circumplex.

Figura 6: Tipos de facetas representadas no espaço multidimensional.



Fonte: Adaptado de Costa Filho (2014).

Caso a faceta seja do tipo ordenada, ela apresentará os pontos de modo hierárquico, organizados com base em relações de dependência ou prioridade, refletindo uma estrutura progressiva ou lógica entre os elementos. Segundo Bilsky (2003), essa ordenação pode ser representada por dois modelos principais: o modelo axial, no qual os pontos estão dispostos linearmente ao longo de um eixo, indicando uma progressão sequencial clara; e o modelo modular, em que os pontos são agrupados em blocos hierarquicamente organizados, representando grupos de informações ou conceitos interconectados. Por outro lado, se a faceta for do tipo não ordenada, os pontos serão caracterizados como qualitativos, sendo espacializados no modelo polar, onde as relações entre os elementos são dispostas de forma mais simétrica e sem hierarquia explícita (Bilsky, 2003; Costa Filho, 2014).

Os autores destacam que as facetas podem assumir configurações mais complexas em um espaço multidimensional. Por exemplo, mencionam situações do tipo axial *duplex*, que expandem a organização linear do modelo axial para incluir subgrupos, ou combinações como a junção de facetas do tipo modular com polar, resultando no modelo *radex*. Outras possibilidades incluem a sobreposição de uma *radex* a uma *simplex*, formando um *cylindrex*, modelo frequentemente utilizado na avaliação de espaços tridimensionais. Além disso, os autores apontam outras possibilidades de modelos relacionados aos diferentes tipos de papéis desempenhados pelas facetas, ampliando ainda mais as formas de representação possíveis.

Essa etapa incluiu a análise das imagens e ambientes com as melhores e piores avaliações de qualidade visual percebida, utilizando como base os princípios do alfabetismo visual de Dondis (1997), da Gestalt (conforme descrito por Gomes Filho, 2000), e do design de interiores segundo Ching (1943), Okamoto (1997) e Gurgel (2013). Além disso, foram considerados aspectos relacionados às qualidades visuais descritas por Nasar (1988) e Costa Filho (2012, 2014), permitindo uma abordagem abrangente das configurações espaciais e compositivas dos planos de teto, piso e vedação.

4 RESULTADOS

Após aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética – CAAE nº: 83009524.7.0000.5182, participaram 363 pessoas. Contudo, 03 indivíduos tiveram suas respostas anuladas devido a critérios estabelecidos pela metodologia, pois possuem diagnóstico de daltonismo. Assim, a amostra final consistiu em 360 participantes, resultando em um erro amostral de (4,93%), o que reforça a confiabilidade e a qualidade quantitativa da pesquisa. A amostra foi composta por indivíduos maiores de 18 anos, sem deficiências visuais ou cognitivas que poderiam comprometer a pesquisa devido às possíveis limitações a exemplo do daltonismo no qual os participantes não conseguiram realizar a devida leitura das cores utilizadas nas cenas avaliadas, mantendo assim a integridade e a precisão dos dados obtidos.

O perfil sociodemográfico dos participantes revelou que, em sua maioria, pertenciam à faixa etária de 18 a 39 anos (63,9%), e eram do gênero feminino (61,4%). Em relação ao nível de escolaridade, os grupos com maior representatividade incluíram participantes com ensino médio completo (21,4%), ensino superior completo (27,8%) e pós-graduação completa (26%).

Além disso, foi investigada a frequência de utilização do equipamento público, identificando-se que 62,2% dos participantes frequentam a UBSF anualmente, o que indica uma utilização predominante de uma ou mais vezes ao longo do ano. Quanto à experiência prévia com design, design de interiores ou arquitetura, a grande maioria dos entrevistados (92,8%) afirmou não possuir qualquer conhecimento ou vínculo com essas áreas, enquanto apenas 7,2% declararam ter alguma experiência ou atuarem profissionalmente.

Avaliações Perceptivas

A análise estatística realizada pelo HUDAP 8 fornece dois tipos de coeficientes. Um deles é o **coeficiente de correlação**, que reflete a similaridade entre as variáveis ou itens presentes na matriz, permitindo observar a relação entre cada cena avaliada. O segundo conceito, denominado **coeficiente de alienação**, é amplamente utilizado para mensurar o grau de distanciamento ou desconexão entre variáveis. Na Teoria das Facetas, adotada nesta pesquisa, esse coeficiente foi aplicado com foco quantitativo não métrico, mediu a distância das cenas avaliadas. Nesse contexto, Borg e Shye (1995) ressaltam que o coeficiente **K** é um valor estatístico cujo alcance depende de ser inferior a 0,15, indicando, nesse caso, uma interpretação dos dados como aceitável.

Após a análise estatística realizada pelo software, os coeficientes foram apresentados pela SSA no espaço bidimensional. Nesse contexto, o coeficiente de alienação é considerado melhor quanto mais próximo de 0,00. Caso o valor obtido seja maior, a Teoria das Facetas recomenda o aumento do número de dimensões

detectadas, o que pode reduzir o valor do coeficiente de alienação. Com base nisso, foram obtidos dois resultados: para a dimensionalidade 2, o coeficiente foi de 0,16341, enquanto para a dimensionalidade 3, o valor foi reduzido para 0,10417. Dessa forma, a interpretação dos dados foi baseada na representação bidimensional de uma solução tridimensional da SSA, com o coeficiente dentro do limite aceitável, apresentando os dados tanto em formato de matriz quanto graficamente.

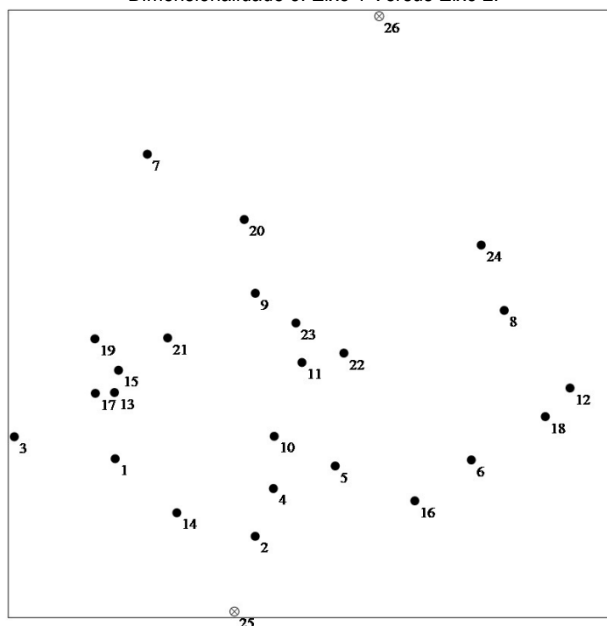
A matriz gerada pelo HUDAP 8 permitiu identificar as relações entre os itens nas linhas e colunas, com base nas 360 respostas coletadas. O coeficiente de correlação de 0,95 entre as variáveis 18 e 12, enquanto, no extremo oposto, um coeficiente de -0,14 foi identificado entre as variáveis 03 e 12, evidenciando uma dissimilaridade significativa. Nesse contexto, o posicionamento das variáveis no espaço bidimensional, derivado de uma análise tridimensional pela SSA, baseia-se nesses valores: quanto maior a distância entre os itens no gráfico, maior será sua dissimilaridade, e quanto menor a distância, maior será sua similaridade.

Considerando os coeficientes de correlação identificados, as variáveis 18 e 12, com um coeficiente de 0,95, demonstram uma alta similaridade, indicando que os participantes avaliaram essas duas variáveis de maneira muito próxima ou com percepções quase equivalentes. No diagrama bidimensional (Figura 7) gerado pela SSA, essas variáveis aparecem próximas uma da outra, refletindo essa relação.

Por outro lado, as variáveis 03 e 12, com um coeficiente de -0,14, apresentaram uma dissimilaridade significativa, mostrando que os participantes atribuíram respostas bastante divergentes a esses itens. No espaço bidimensional (Figura 7), essas variáveis ficaram mais distantes, evidenciando a falta de associação entre elas. Esse tipo de posicionamento gráfico é fundamental para interpretar como os itens avaliados se relacionam ou contrastam no contexto geral da pesquisa.

Figura 7: Diagrama do espaço original.

Dimensionalidade 3. Eixo 1 Versus Eixo 2.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Nos resultados, foram identificadas cenas que evocam diferentes níveis de sensação de acolhimento, classificadas como: nada, pouca, mais ou menos, muita e demais (Tabela 1). Embora o estudo contemple um conjunto mais amplo de cenas, optou-se por apresentar neste recorte apenas as 12 primeiras, considerando que elas concentram as maiores pontuações por classificação na escala Likert. Além disso, tanto a cena com maior pontuação geral quanto a de menor pontuação estão incluídas nesse grupo, o que reforça a representatividade da seleção. Dentre essas, destacam-se a cena 03 (A1B1C2D1), classificada como “nada”, com 127 pontos atribuídos aos elementos internos da faceta racional e um total de 700 pontos; a cena 01 (A1B1C1D1), “pouca”, com 152 pontos na faceta racional; a cena 07 (A1B2C1D1), “mais ou menos”, com 157 pontos; a cena 06 (A1B1C3D2), “muita”, com 178 pontos; e a cena 12 (A1B2C3D2), “demais”, com 174 pontos pela faceta racional e a maior pontuação geral: 1.535 pontos. Essa seleção permite observar de forma mais

objetiva como os elementos internos da faceta racional se distribuem entre os diferentes níveis de acolhimento percebido nas cenas mais bem avaliadas.

Tabela 1: Pontuações das cenas com relação a sensação de acolhimento.

CENA	Nada (1)	Pouco (2)	Mais ou Menos (3)	Muito (4)	Demais (5)	Total	-
CENA 01 A1B1C1D1	74	152	111	22	1	804	1535
CENA 02 A1B1C1D2	28	96	122	97	17	1059	1508
CENA 03 A1B1C2D1	127	142	79	8	4	700	1493
CENA 04 A1B1C2D2	16	62	138	116	28	1158	1475
CENA 05 A1B1C3D1	9	39	139	143	30	1226	1400
CENA 06 A1B1C3D2	1	11	46	178	124	1493	1386
CENA 07 A1B2C1D1	20	94	157	69	20	1055	1268
CENA 08 A1B2C1D2	13	26	69	132	120	1400	1226
CENA 09 A1B2C2D1	16	53	140	129	22	1168	1174
CENA 10 A1B2C2D2	16	62	143	111	28	1153	1168
CENA 11 A1B2C3D1	12	48	105	130	65	1268	1158
CENA 12 A1B2C3D2	5	13	38	130	174	1535	1153

Fonte: Elaborado pelo autor

Análise das cenas em contraste

Este tópico analisa comparativamente as cenas de melhor e pior desempenho, com base na percepção dos participantes sobre as variáveis. Serão observados os elementos internos e suas características. A cena 12 (facetas A1B2C3D2) obteve a melhor pontuação, enquanto a cena 03 (Figura 8), com facetas A1B1C2D1, teve a pior. A análise considera as facetas, os princípios da Gestalt e o alfabetismo visual de Dondis (2007).

Figura 8: Cena 03 (A1B1C2D1).



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A análise comparativa entre os dois ambientes evidencia diferenças significativas no que diz respeito à organização espacial, uso de cores, iluminação e elementos de design, aspectos que influenciam diretamente a percepção ambiental dos usuários. A segunda cena apresenta um ambiente funcional, mas rígido, com linhas retas e disposição em fileiras que priorizam a eficiência em detrimento do acolhimento visual. A paleta de cores é limitada a tons neutros, como branco e azul-escuro, que, embora possam transmitir calma, acabam reforçando a monotonia e a frieza do espaço. A iluminação artificial predominante e a ausência de elementos decorativos contribuem para um ambiente visualmente estático e pouco convidativo.

Em contrapartida, a primeira cena apresenta um espaço moderno e fluido, com formas curvas e móveis dispostos de maneira estratégica para criar zonas funcionais e incentivar a interação entre os usuários. O uso de cores vibrantes, como roxo, laranja, verde e azul, aliada a uma base neutra, confere dinamismo e promove uma sensação de acolhimento. A ampla integração da luz natural, reforçada por grandes janelas, potencializa a leveza do ambiente e contribui para o conforto visual. Elementos decorativos no teto, como estruturas circulares, além de texturas e acabamentos sofisticados, complementam o apelo estético do espaço.

Apesar das diferenças, as duas cenas possuem semelhanças no propósito funcional, sendo ambas destinadas a áreas de espera em contextos de saúde, e na delimitação de zonas específicas para assentos e circulação. No entanto, a primeira cena se destaca por integrar princípios de design e alfabetismo visual, conforme proposto por Dondis (2007), ao utilizar elementos que estimulam os sentidos e criam uma experiência visual mais rica e agradável.

Para aproximar a cena 03 do acolhimento visual proporcionado pela cena 12, são necessárias intervenções que considerem aspectos como paleta de cores, organização espacial, iluminação e conforto sensorial. Em relação às cores, recomenda-se incorporar tons quentes em elementos como cadeiras, paredes ou painéis decorativos, a fim de trazer dinamismo ao ambiente. Adicionalmente, é possível introduzir texturas e acabamentos que simulem materiais naturais, revestimentos amadeirados, que proporcionam maior conforto visual e tátil. A reorganização do espaço também é essencial: a disposição das cadeiras pode ser repensada para criar agrupamentos menores, substituindo a rigidez das fileiras paralelas por um layout mais fluido e interativo. Móveis com formas curvas ou modulares podem ser inseridos para reforçar essa mudança.

No que tange à iluminação, a substituição parcial da iluminação artificial por aumento de aberturas no espaço para a iluminação natural e o uso de luminárias com formatos retangulares de embutir, pode criar camadas de luz que enriquecem o ambiente. Sempre que possível, a ampliação de janelas ou outras aberturas para integrar luz natural é uma estratégia relevante, pois promove não apenas conforto visual, mas também uma maior sensação de bem-estar. Outra proposta inclui a introdução de elementos decorativos no teto, como molduras curvas podendo ser executadas em pvc ou gesso acartonado, que aumentam o apelo visual e melhoram a acústica do ambiente.

Para aprimorar o conforto sensorial, as cadeiras podem ser substituídas por modelos acolchoados ou complementadas com almofadas coloridas, enquanto elementos naturais, como plantas, podem ser incorporados para trazer frescor e conexão com a natureza. Além disso, recomenda-se a coleta de feedback dos usuários do espaço para identificar demandas específicas e personalizar as intervenções. A aplicação de um conceito temático que remete a saúde e bem-estar, utilizando formas, cores e texturas que reforcem esse propósito, pode guiar as mudanças de forma integrada e significativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido evidencia a relevância de compreender a percepção ambiental dos usuários em relação aos espaços nos quais realizam suas atividades cotidianas, especialmente em ambientes de permanência prolongada, como as salas de espera das Unidades Básicas de Saúde da Família (UBSF). Ao propor uma análise integrada entre percepção visual, ambiência e acolhimento, com base em fundamentos teóricos consistentes e uma abordagem metodológica rigorosa, a investigação demonstra ter grande potencial para contribuir de forma significativa para os campos do Design de Interiores e da Arquitetura.

A aplicação da Teoria das Facetas demonstrou ser uma ferramenta metodológica eficaz para decompor, estruturar e interpretar a complexidade dos fenômenos perceptivos relacionados ao espaço construído, especialmente ao ter sido articulada ao conceito de Qualidade Visual Percebida e aos princípios da Gestalt e do Alfabetismo Visual. Essa abordagem permite uma leitura mais refinada das relações entre os elementos visuais e as sensações provocadas nos usuários, oferecendo subsídios valiosos para o processo projetual. Suas possibilidades de aplicação não se limitam ao contexto das UBSF, podendo ser estendidas a outros espaços que demandam sensibilidade em relação à experiência do usuário como escolas, hospitais,

ambientes corporativos, comerciais e institucionais contribuindo para a promoção de ambientes mais saudáveis, acolhedores e humanizados.

Em relação aos resultados obtidos, a ocorrência de cenas associadas a regiões de contiguidade distintas dos elementos internos de sua composição, conforme discutido por Costa Filho (2012), encontra respaldo no fato de o coeficiente de alienação não assumir valor nulo. No entanto, essa condição não compromete a validade dos achados, considerando que o software HUDAP 8, utilizado nas análises, expressa com fidelidade as relações entre os elementos investigados e a formulação das questões tratadas.

Como desdobramento prático da pesquisa, os dados e análises apresentados podem fundamentar diretrizes projetuais voltadas à qualificação da ambiência em UBSF, apoiando arquitetos, designers e gestores públicos na tomada de decisões mais sensíveis às dimensões subjetivas da percepção e do acolhimento. A incorporação desses parâmetros na prática projetual pode contribuir significativamente para a humanização dos espaços de saúde e para a melhoria da experiência dos usuários. Além disso, a metodologia adotada se mostra replicável e adaptável a diferentes contextos tipológicos e socioculturais, fortalecendo o diálogo entre pesquisa científica e prática profissional, e incentivando novas investigações voltadas à melhoria da qualidade ambiental em equipamentos públicos.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT), **NBR 14724**: Trabalhos acadêmicos. Rio de Janeiro, 2011. 11p.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT), **NBR 6023**: Informação e documentação: referências: elaboração, 2002. Rio de Janeiro, 2002.
- ARNHEIM, R. **Arte & percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Cengage Learning, 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **O SUS de A a Z**: garantindo saúde nos municípios. 3. ed. Brasília - DF: Editora do Ministério da Saúde, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional da Atenção Básica**. (Série E. Legislação em Saúde). Brasília - DF, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria da Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Manual de estrutura física das unidades básicas de saúde**: saúde da família. 2. ed. Brasília - DF, 2008.
- BROOKER, G.; STONE, S. **O que é design de interiores?** São Paulo: 147 SENAC, 2014.
- BOTTON, A. **A Arquitetura da Felicidade**. Tradução de Lucília Felipe. Alfragide - Portugal: Dom Quixote, 2013.
- BILSKY, W. A Teoria das Facetas: noções básicas. **Estudos de Psicologia**, Campinas - SP, v.8, n.3, p. 357- 365, 2003. ISSN: 1678-4669. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/YMDV3FRVWGMdpV5TgDPVQwx/>. Acesso em: 12 dez. 2024. DOI: 10.1590/S1413-294X2003000300002.
- CANTER, D.; GROAT, J. B. A multiple sorting procedure for studying conceptual systems. In: BRENNER, Michael; BROWN, J.; CANTER, D. (Eds). **The research interview**: uses and approaches. London: Academic Press, 1985, p. 79-114.
- COSTA FILHO, L. L. **Midiápolis**: comunicação, persuasão e sedução da paisagem urbana midiática. 2012. 271f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.
- COSTA FILHO, L. L. O enfoque da teoria das facetas na avaliação de lugares. In: V ENCONTRO NACIONAL DE ERGONOMIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO & VI SEMINÁRIO NACIONAL DE ACESSIBILIDADE INTEGRAL. **Anais.....** Rio de Janeiro: PUC, 2014, s/p.
- COSTA FILHO, L. L. Ergonomia do Ambiente Construído e Qualidade Visual Percebida. In: MONT'ALVÃO, Claudia; VILLAROUCO, V. (org.). **Um novo olhar para o projeto**. v. 5, p. 12-28, 2020.
- CHING, F.; BINGGELLI, C. **Arquitetura de Interiores Ilustrada**. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- CHING, F. **Arquitetura**: forma, espaço e ordem. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.

- CRESWELL, J. **Projeto de Pesquisa**. Métodos qualitativo, quantitativo e misto. São Paulo: SAGE, 2010.
- DONDIS, D. **Sintaxe da linguagem visual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. Relacionando espaços e comportamentos para definir o programa do projeto arquitetônico. In: I SEMINÁRIO NACIONAL PROJETER. **Anais do.....** Natal: PPGAU/UFRN, 2003, s/p.
- EDWARDS, C. **Interior Design: A critical introduction**. Oxford, New York: Berg Publishers, 2010.
- FROSTIG, M.; HORNE, D.; MILLER, A. M. O programa de percepção visual. In: FROSTIG, M.; HORNE, D.; MILLER, A. M. **Figuras e formas: programa para o desenvolvimento da percepção visual**. São Paulo: Panamericana, 1980.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- GOMES FILHO, J. **Gestalt do Objeto, Sistema de Leitura Visual da Forma**. São Paulo: Escrituras, 2000.
- GURGEL, M. **Projetando espaços**. Guia de Arquitetura de Interiores para áreas residenciais. São Paulo: SENAC, 2013.
- INTERNATIONAL INTERIOR DESIGN ASSOCIATION (IIDA). **The IIDA story**. Disponível em: <http://www.iida.org/content.cfm/story>.
- MAIOR, M. M. S.; STORNI, M. O. T. O design de interiores como objeto de consumo na sociedade pós-moderna. **Revista Principia**, Paraíba, v. 1, n. 16, p. 68-71, 2008. ISSN: 2447-9187. Disponível em: <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/view/244>. Acesso em: 25 jan. 2025. DOI: 10.18265/1517-03062015v1n16p68-71.
- MASSEY, A. **Interior Design since 1900**. 2. ed. London: Thames & Hudson, 2008.
- MARIN, A. A. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Paulo, vol. 3, n.1, pp. 203-222, 2008. ISSN 1980-1165. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/6163>. Acesso em: 06 fev. 2024. DOI: 10.18675/2177-580X.vol3.n1.p203-222.
- NIEMEYER, C. A. C. Percepção ambiental como estratégia de investigação em arquitetura: um estudo de caso. **Revista Projetar: Projeto e Percepção do Ambiente**, v.3, n.1, abril 2018.
- NIGHTINGALE, F. **Notes on nursing: what it is and what it is not & Notes on nursing for the labouring classes (1820-1910): commemorative edition with historical commentary**. SKRETOKOWICZ, V. (Ed). Springer. New York. 2010 [1860]
- NASAR, J. **Environmental aesthetics: theory, research, and application**. New York: Cambridge University Press, 1988. p. 45-55.
- OKAMOTO, J. **Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2002.
- OKAMOTO, J. Percepção Ambiental. In: OKAMOTO, Jun. **Percepção Ambiental e Comportamento**. São Paulo: Ipsiis, 1997. p. 83-137.
- PINHEIRO, J. Q.; ELALI, G. A. Comportamento socioespacial humano. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- RANGEL, M. M.; MONT'ALVÃO, C.. A observação do comportamento do usuário para o wayfinding no ambiente construído. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 166-180, 2015. ISSN 1983 - 196X. Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/277>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- ROAZZI, A. Categorização, formação de conceitos e processos de construção de mundo: procedimento de classificações múltiplas para o estudo de sistemas conceituais e sua forma de análise através de métodos de análise multidimensionais. **Cadernos de Psicologia**, Minas Gerais, 1995, nº 1, p. 1-27. ISSN: 2764-9660. Disponível em: <https://www.cadernosdepsicologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/1>. Acesso em: 05 nov. 2024.
- SILVA JÚNIOR, J. A. **Qualidade visual percebida de vitrines**. 2017. 138f. Dissertação (Mestrado em Design) - Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.
- SHYE, S.; ELIZUR, D.; HOFFMAN, M. **Introduction to Facet Theory: content design and intrinsic data analysis in behavioral research**. London: Sage Publications, 1994.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.
- ZEVI, B. **Saber Ver a Arquitetura**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.